

DE UMA PASTA DE VELHOS RECORTES

O "BANDEIRISMO" E O ELEMENTO ESPANHOL DO PLANALTO*

(A propósito do tricentenário da aclamação
de Amador Bueno)

Cassiano RICARDO

Em generosa carta que me enviou, referente à **Marcha para Oeste**, Carvalho Franco me dizia: "Trabalho talentoso e elegante (sou obrigado a reproduzir exatamente este trecho) que aprecia em moldes modernos a nossa bandeira, expressão que acredito o paulista a adotou do espanhol que, desde o século XVI, usava do verbo 'banderisar' no sentido de levantar gente em bando".

A interessante observação do ilustre autor de **Bandeiras e bandeirantes de São Paulo** me levou a assuntar um bocado. O verbo "banderisar" tinha água no bico... A aclamação de Amador Bueno - cujo tricentenário o Instituto Histórico resolveu comemorar sabiamente -, tinha sido também, obra do elemento castelhano estabelecido no planalto. Por outro lado havia eu aprendido em Paulo Prado que o ódio ao espanhol fora um fator decisivo do nosso expansionismo histórico. Me pareceu contraditório esse pormenor. Se o paulista votava "ódio ao espanhol", como poderia o mesmíssimo espanhol ter cooperado no bandeirismo? O raciocínio me chegou a embatucar, confesso. Mas a melhor coisa do mundo é botar pingos nos "is" quando surgem dúvidas desse naipe. Foi o que fiz, matutando sobre a carta de Carvalho Franco - tão enxuta no estilo como exata na observação - no justo empenho de procurar saber até onde o elemento espanhol colaborou na bandeira, e "qual (como diria o autor de **Paulística**) a contribuição do sangue castelhano nas famílias paulistas do século XVII, quando o cruzamento se acentuou na população de serra acima pelo afluxo de espanhóis que subiram o Paraná e o Tietê".

(*) "O Estado de S. Paulo", 2, 6 e 9 de abril de 1941.

A bandeira não é, então, um fenômeno que se explica principalmente com o concurso indígena? Não tem dúvida que sim. E uma coisa não exclui a outra, absolutamente.

Sem tupi não há bandeira

Trecho de história: "Com a chegada do caraíba branco, foram os tupis que o receberam na costa e no planalto. E como o conquistador resolvesse invadir a terra, foram os tupis que o ajudaram nessa terrível empresa".

De certo que o planalto empurrava o invasor - vá. O rio, que a natureza fizera correr terra a dentro, não obstante haver nascido vizinho do mar, ofereceu-se p'ra caminho das ubás mobilíssimas. Mas os sentimentos que entraram na realização do fenômeno é que o esclarecem em toda a sua razão de ser. Saudade atávica da floresta, ambição trazida pelo português e vocação para o fabuloso característica do espanhol se deram as mãos, na espantosa arrancada. Ao lado desses sentimentos, o ódio da gente que falava a língua geral (e que havia tomado conta da costa) contra as gentes tapuias (que haviam ficado mais ou menos dispersas pelas regiões do centro) foi outro sentimento indígena de que se valeu o conquistador na esteira do refluxo índio. Neste caso, o tupi que já havia realizado a sua bandeira pré-colombiana ("*homo primitivus migratorius*") regressa p'ra um ajuste de contas com o seu inimigo tradicional.¹ E regressa já como co-autor do grande bandeirismo que, instigado pelos mitos de riqueza, dinamizado com a primeira geração de mamelucos (Basílio de Magalhães) e caracterizado por um comportamento social próprio, se tornou o fenômeno específico do planalto em suas relações com o Oeste. "Com trezentos tupis iremos ao Peru e isto não é fábula", diziam os paulistas ao donatário da capitania.

O espanhol que se fez botocudo

Antes de tudo é preciso não esquecer o quanto o bandeirante assimilou os processos culturais indígenas. Se o português lograra ser negro (culturalmente) muito mais conseguiu o "calção de couro", com referência ao índio, na sua capacidade de retorno ao primitivo; ao ponto de regressar à economia dos escambos "in natura"; de fazer do tejupar sua habitação e da rede seu sistema de dormir no mato; de adotar as estrelas e os cabeços dos montes p'ra lhe servirem de direção; de perder a noção da propriedade imobiliária; de se alimentar com pinhões e raízes de

(1) O Brasil no original, pág. 78.

árvores; de abrir carreador no mato, assinalando a passagem com galhos de árvore, quebrados; e, principalmente, de virar chefe de tribos. Pois o bandeirante - perguntará algum leitor mais assustadiço - regrediu a tal ponto que chegou a ser chefe de tribo? E eu lhe responderei, calmamente, com dois exemplos que, até hoje, não haviam despertado a atenção que merecem: o exemplo de Manuel de Borba Gato, entre os selvagens do rio Doce, e o de Antônio Pires de Campos, que se fez cacique dos bororos, entre o Paranaíba e o rio Grande. E já que estou falando do elemento castelhano relembrei o caso, citado por Varnhagen, de um espanhol que no norte do Brasil, se fez botocudo p'ra todos os efeitos.

Retorno ao primitivo

Naturalmente, ninguém irá confundir os que "se tornam" índios com os que, por simples malandragem, adotam nomes e costumes indígenas. Ferdinand Denis fica assustado com o semvergonhismo de alguns brancos que praticam, na íntegra, o rito tupinambá. Anchieta refere o costume feio de alguns franceses que, botando cocares de arara e tucano à cabeça, pendurucalhos vistosos nas orelhas e listando-se de jenipapo e urucum, imitaram os bugres em tudo (e quando digo em tudo, digo tudo e mais alguma coisa). Só lhes faltou comer carne humana, diz o Santo canarino. O caso do bandeirante paulista difere radicalmente de tais arremedos, não só pela sua capacidade de "retorno ao primitivo", como também pela sua conseqüente integração do "mundo fantasmagórico" do selvagem (lembre-se Anhanguera na cena do fogo). Não se trata de uma atitude. Trata-se de um caso de mobilidade cultural, digna de maior reflexão.

O costume de bandeirar é índio

A propósito, leio uma carta inédita de Capistrano, no último número da "Revista do Brasil" e nela encontra o seguinte pormenor: "Chamarei a atenção de V. Excia. (dirigia-se o famoso historiador ao barão do Rio Branco) p'ra uma carta de Anchieta, da qual se deduz (deduzi eu, pelo menos) que o costume de bandeirar é índio. Essa carta está na "Revista do Instituto", e refere-se a um ataque a Piratininga, em 1560. Outra circunstância interessante, e de que espero mandar a prova (continua Capistrano) é que a bandeira que os paulistas levavam (flâmula, esclareço em aparte) não era de Portugal. Li isto numa carta dos jesuítas espanhóis, relativa aos fatos contra os quais foram reclamar Montoya e Dias Taño.² A exatidão histórica de

(2) Revista cit., nº de fevereiro de 1941, pág. 91.

Capistrano (outro de estilo enxuto) confirma a investigação sociológica. A bandeira era indígena e o bandeirante só a realizou porque: a) continuou o índio; b) cruzou com o índio a mais não poder; c) regrediu ao primitivo a tal ponto (culturalmente) que chegou a ser chefe de tribo.

A mestiçagem hispano-portuguesa com o aborígene

Uma bandeira só de brancos - a de Pedro Lobo - não deu certo e explica-se. Faltava-lhe o conteúdo do índio. Mas o caso é que o bandeirismo se complica, do ponto de vista étnico-cultural. Na sua eclosão, o mameluco (resultante do "democratização social pela mestiçagem hispano-portuguesa com aborígenes") é o elemento predominante das arrancadas. Na composição social do grupo conquistador entram, mais tarde, todas as raças. Não falta à bandeira, sequer, o auxílio do negro. O seu início, como fenómeno sociológico, é indígena. Quando vem a mineração, o branco, que a comanda, abandona o braço índio e adota o africano. (O padre João Álvares organiza antes uma bandeira só de tupis e negros comandada por um mestiço "tuerto de un ojo"). Não quero reproduzir, neste ponto, o que já ficou dito e redito em trabalhos por mim publicados. O que desejo agora frisar é que, se o índio explica a bandeira, na sua esplêndida mobilidade, o espanhol, ou melhor, o mameluco hispano-descendente lhe explicará em sua maior parte, o ímpeto dramático que a torna uma ocorrência especial do sul, no capítulo mais colorido e movimentado de nossa formação social.

Já a origem da palavra é espanhola (como faz ver Carvalho Franco) embora o costume de "bandeirar" seja indígena e coincida com ela. "Banderizar" vem apenas denominar o costume nessa curiosa sincronização do espanhol com o selvagem.

Se assim é - estou ouvindo esta objecção - por que não terá ocorrido o fenómeno na América espanhola? A resposta não será difícil: só no planalto de Piratininga se verificaram circunstâncias culturais, geográficas, económicas e sociais que tornariam a bandeira um fato original do sul-brasileiro. Sem nada de semelhante com os demais grupos sociais da colônia portuguesa ou da castelhana.

Roquette Pinto já fez pergunta parecida a respeito do português: por que razão o ânimo conquistador de tais netos dinamizados dos árdegos "vikings" não criou bandeiras semelhantes à de Raposo Tavares em Guiné ou em Macau?

Os espanhóis de São Vicente

Quem estuda os ensaios da conquista não desconhece a tumultuosa presença de espanhóis no alvorecer das entradas. Antes da primeira penetração já

se encontram eles no litoral. O desbarato da pequena armada de João Dias de Solis deu em resultado a localização, como se sabe, de vários elementos castelhanos nas costas de Santa Catarina. Aí vamos encontrar Aleixo Garcia, Henrique Montes e Belchior Ramires, segundo o testemunho de João de Zuñiga, em 1524, Aos náufragos de Solis juntam-se os 31 de d. Rodrigo de Acuña³ e há muita gente boa que dá mesmo o Aleixo Garcia como autor da primeira entrada no continente. Em minha **Marcha** fiz lembrar que, enquanto Ulrich Schmidel saía do Paraguai e vinha dar com os costados no burgo de João Ramalho, Aleixo dava o seu passeiozinho em sentido inverso, saindo de São Vicente e indo parar em Assunção. Havia, nessa troca de amabilidades continentais, a admirável profecia que os fatos, em geografia humana, poderiam traduzir por este rompante bem espanhol: "se vocês, portugueses, podem vir até aqui, nós castelhanos, poderemos ir até aí; e o Brasil não existirá". A proeza de Garcia foi de tal força que Sebastião Caboto mudou de rumo (quando em viagem para as Molucas) e veio que veio encantado por idéias de riqueza fabulosa, em direitura para São Vicente, querendo tomar parte em qualquer expedição gênero Aleixo Garcia. Sabe-se que não vingou seu plano, ficando tudo por isso mesmo. Em todo caso, esta coisa de castelhanos quererem tomar conta do tesouro - que devia ser português, segundo Tordesilhas e Alexandre VI - abriu os olhos a D. João III e foi a conta. Este nos mandou Martim Afonso mais que depressa; mas todos também sabemos que o donatário, ao chegar em São Vicente, com o intuito de se localizar "na costa do ouro e da prata", aí encontrou já muitos castelhanos, inclusive aquele Francisco de Chaves, que lhe contou uma pequena história das mil e uma noites. Desse-lhe o donatário, 400 homens e ele, que fora companheiro de Aleixo, subiria a serra vertical em dois trancos e voltaria com esses 400 pagens trazendo 400 fardos de ouro. Como recusar semelhante oferecimento? Pero Lobo recebe, então, a incumbência de socavar os cafundós com uma expedição de 80 homens brancos, levando Francisco de Chaves à frente da tropa. Ainda calouro em bandeirismo, Martim Afonso organizou a leva só com homens brancos, sem índio, e o desastre não se fez esperar. Nunca se soube mais dessa gente. Em qualquer hipótese, o que se verifica é que os espanhóis realizam a "performance" de Aleixo Garcia e logo depois induzem o donatário a uma nova "performance", de funestos efeitos. Realizada a missão do rio da Prata, volta o nosso Martim Afonso à ilha de São Vicente. Não convém reproduzir o que todo mundo sabe, neste ponto da história. Quero apenas recordar que o famoso bacharel - tão discutido no início da colonização - era um Duarte Perez (segundo Rui Diaz de Gusman) a quem Martim concedeu muita terra p'ra plantações. Perez, porém, era espanhol, como os demais que, no dizer de Machado de Oliveira⁴, constituem remanescentes aí "largados por expedições marítimas que demandavam o rio da Prata. O chefe da espanholada Rui Mosquera

(3) J. F. Almeida Prado - **Primeiros povoadores do Brasil**, pág. 70.

(4) Machado de Oliveira, **Quadro histórico da província de São Paulo**, pág. 41.

não sairia dali (declarou aos portugueses), enquanto assim o entendesse, pois estava em possessões do rei de Castela.

O espanhol no Planalto

De modo que a situação é esta: João Ramalho, português, iniciando o seu bandeirismo com mamelucos, seus descendentes; e Aleixo Garcia, espanhol, bem como os correligionários de Mosquera, ensaiando futuras bandeiras constituídas por tupis e hispano-descendentes. Nascida entre portugueses e espanhóis, tinha a bandeira que continuar contaminada por esse caráter. A não ser que uns se separassem dos outros de pronto. A luta dos paulistas com os espanhóis, entretanto, não excluiu o elemento espanhol que ficara no planalto, de mistura com os portugueses. Anchieta é quem funda São Paulo e narra, em espanhol, os primórdios de nossa formação social. Tornam-se freqüentes as relações entre espanhóis e portugueses de São Vicente.⁵ Em cartas que escreve, Pero Corrêa (1554) fala, mais de uma vez, a respeito de espanhóis procedentes de Guairá. Nóbrega, por seu turno, dá conta de "escândalos que os castelhanos têm com os portugueses". Rui Diaz de Gusmán, na sua **Argentina**, proclama como habitual o trato de espanhóis com os de "San Pablo". Groussac, baseado no dito Gusman, chega a localizar os espanhóis numa "famosa peleia em un peligroso paso del rio que llaman de Avañandaba". Em 1557 figura o sevilhano Christovam Caldereiro entre os principais chefes de bandeiras vicentinas no Guaira. Na luta dos paulistas com os carijós aparecem Antonio de Saavedra e Diogo de Uñate. Na recomendação de Duarte da Costa ao capitão-mór de São Vicente (1558) há este trecho: "não consentireis que nenhum português nem castelhano vão para o Paraguai, pelo campo" - e aí está a prova de que eram numerosos os castelhanos, no planalto. Não deviam, entretanto, os castelhanos de cá ter convivência com os de lá. Se vier algum castelhano de alguma de suas povoações, "vós o fareis embarcar no primeiro navio que daí for para qualquer parte".

Em 1603, as atas da câmara registram a presença de soldados vilarriquenhos pedindo auxílio aos governantes da república de Piratininga, em nome de Añasco. Já o governador Saavedra, das províncias cisplatinas (seria algum parente do nosso Antonio Saavedra da luta contra os carijós?) manda seus emissários a São Paulo, prometendo "o intercâmbio das relações hispano-paulistas". Certo dia (quando ainda se achava Felipe II em Lisboa) Diogo Flores de Valdés vem com a sua armada (1583) e foi aquilo que já se sabe. Os navios dessa expedição tiveram a mesma sorte que os de outras. Perderam muita gente no Rio (Pedro Sarmiento e

(5) Taunay, Hist. geral ds bandeiras paulistas, I, pág. 203.

Diego de Rivera) e em Santos. Deu-se a debandada dos espanhóis vindos nessa expedição, para o interior da capitania, como nos faz ver Carvalho Franco⁶ e pronto. Entre os desertores figuram os de apelido Madeira, Barregão, Ortiz, Ribeira e mais uns quantos que subiram o planalto e constituíram o tronco de várias famílias bandeirantes. Bartolomeu Bueno, carpinteiro da armada de Valdés, vem com seu pai, Francisco Ramires de Porros e também sobe a serra. Mal sabia do papel que iria representar, como tronco dos futuros Anhangüeras. Juseppe de Camargo fazia parte dos remanescentes. É outro que vinha p'ra dar origem a muita coisa maravilhosa no domínio do bandeirismo. Pouco depois, chega a armada de Teles Barreto trazendo instruções p'rá campear de novo a serra das Esmeraldas, de que Adorno era sabedor.⁷ Agora, quem nos procura é já dom Francisco de Souza, representante direto do governo espanhol. Notam os historiadores o quanto foi útil a sua vinda. Deu ele organização mais regular às bandeiras⁸, botando André de Leão e Nicolau Barreto no mato, com suas expedições em que figuram "mineiros espanhóis". Consta que dom Francisco chegou a empregar engenheiros nas suas bandeiras, com Baccio de Filicaia e William Josten Glimmer. O vale do Paraíba foi todo devassado, então, pelos nossos bandeirantes, servindo de caminho pro centro mineiro. Com a volta de dom Francisco, continuam as expedições paulistas, sendo que o espanhol Martim Rodrigues Tenorio de Aguillar é o grande chefe da bandeira que atacou bilreiros e caiapós, em 1608.

Em 1630-1634 emigram para São Paulo numerosas famílias espanholas do Guairá, como informa Taques, dando lugar esta transmigração a que se desconfiasse fosse motivada por algum crime de lesa majestade. Eram os Ponce de Leon, Torales, Contreras, Zunegas... Pelos documentos, sabe-se que a essa altura os espanhóis já eram uma grande parte da população piratiningana. Citam-se Bartolomeu Bueno da Ribeira, Juseppe de Camargo, Francisco Martins Bonilha e sua mulher, Antônio Gonçalves, Bernardo de Quadros, Pedro Fernandes Aragonez, Jorge Moreira, Antônio Del Campo, João Martins de Aguirre, Pedro Matheus Rendon, Francisco de Rendon, José e João Matheus de Rendon, Diogo de Lara a Ordenez, Pero de Carassa, Domingos de Amorez, Gabriel Ponce de Leon, Bartolomeu de Torales, André de Zunega, Bartolomeu de Contreras, Juan Espinola y Gusman, Juan de Santa Maria, Balthazar de Godoy, Martim Rodrigues Tenorio de Aguillar, Martim Fernandes, Francisco de Saavedra, Simão de Toledo Piza, Barnabá de Contreras y Leon, Paula Anhaya, Alonso Peres Calhamares, Jacques Felix.

Com o domínio espanhol, o contingente povoador tinha, por força, que se tornar muito mais numeroso. Como se vê, os espanhóis que tomaram parte na

(6) Carvalho Franco, *Bandeiras e bandeirantes de São Paulo*, pág. 17.

(7) Raparaz, *O Brasil no Império Espanhol*, in Rev. do Inst. Hist. e Geogr. de São Paulo, vol. p. 103.

(8) Carvalho Franco, ob. cit., p. 43.

formação social do planalto procedem: a) de expedições marítimas ao Rio de Prata, anteriores a Martim Afonso; b) de expedições mal sucedidas e com o mesmo destino, porém já depois de Martim Afonso; c) da transmigração de famílias castelhanas do Guairá e do contacto com os espanhóis do Paraguai; d) do elemento povoador trazido no período em que Portugal esteve subjugado pela Espanha, ainda na vigência do colonato.

O bandeirismo e as ruas de Madrid

Tais elementos teriam que exercer, como exerceram grande papel no bandeirismo, característico do Brasil meridional. O fato não passou despercebido a um dos nossos escritores mais lúcidos, Vicente Licínio Cardoso. Em penetrante estudo publicado em **À margem da História**⁹ entende esse historiador que a anexação de Portugal à Espanha foi útil do ponto de vista bandeirante. Já o paulista "não tinha mais medo de invadir o alheio". No norte, "o auxílio espanhol na pesquisa do ouro, durante as primeiras investidas pelo sertão baiano, havia sido notável: a expedição de Espinosa (1555) talvez tenha atingido, depois de seguir o rio Jequitinhonha, o próprio vale do São Francisco.¹⁰ Castejon brilha, com os seus 110 homens, em Paraíba do Norte. Diogo Soares e Robério Dias, instigados por Felipe II e Felipe III, respectivamente, povoam de investigações expedicionárias, trepidantes, grande parte do nosso "hinterland". As ruas de Madrid correm o risco de serem calçadas de prata... No sul, porém - os historiadores são acordes neste ponto - a influência espanhola se tornou muito mais séria. Cita-se o caso do "contacto interessantíssimo entre Céspedes e os bandeirantes paulistas". Mas, "que melhor argumento global poderia haver - pergunta Licínio Cardoso - do que esse, relativo à afirmação de que a história das bandeiras paulistas do sul foi arquivada em documentos espanhóis, vazios que ficaram sobre o assunto os arquivos portugueses?"

Os espanhóis de cá e os de lá

Dois pontos, contudo, devem ficar bem claros: o bandeirante do planalto nunca teve receio de invadir o alheio, isto é, as terras de além Tordesilhas

(9) Vicente Licínio Cardoso, obra cit., pág. 94. O autor incidiu, aqui, em pequeno lapso. O título do livro de Vicente Licínio Cardoso é **À margem da História do Brasil** e não simplesmente **À margem da História**, como vem citado no texto. **À margem da História** é título de um livro de Euclides da Cunha. A obra de Cardoso foi publicada, postumamente, em 1933, como um dos primeiros volumes da coleção "Brasiliana".

(10) - Idem, pág. 95.

(como supõe o autor citado); e nunca deixou de fazer distinção entre os espanhóis de cá e os de lá, mesmo quando Portugal estava subjugado pela Espanha. Tanto assim que, em 1630, reclama-se contra o fato de ser castelhano o alcaide da vila, sob o fundamento de que os cargos públicos não podiam ser desempenhados por estrangeiros. Os espanhóis estão invadindo "terras pertencentes à coroa de Portugal, com grande prejuízo desta capitania", gritam os maiores da governança, em pleno domínio espanhol. "Mi padre procurador, en que tierras estamos - pergunta o jesuíta que acompanhou Raposo até São Paulo - como podem vassallos da majestade católica fazer guerra a vassallos da mesma majestade?" Esta pergunta depõe, em definitivo, contra a tese de Vicente Licínio Cardoso. E está escrita (de modo que é irretorquível) à pág. 261 da separata do tomo II dos "Anais do Museu Paulista" (Arquivo Geral das Índias em Sevilha).

Bandeirantes hispano-descendentes

Feitos estes dois reparos, não há dúvida quanto ao decisivo concurso do espanhol e do mameluco na bandeira. Ao lado de Martim Tenório de Aguiar, irrompem grandes nomes de bandeirantes, como Jacques Félix, seu sócio e pai de outro Jacques Félix que andou pela Mantiqueira no encalço das minas de ouro. O "monjolo", Juan Mongel Garcez, é o companheiro de Francisco Pedroso Xavier no ataque às forças espanholas do Maracaju. Francisco Rendon de Quebedo é quem comanda o socorro paulista para a restauração de Pernambuco. O maior companheiro de Pascoal Moreira, na conquista de Mato Grosso, é André de Zunega y Leon.

Em certas bandeiras, vai o elemento espanhol em grande número. No assalto a Itatim, dizem os jesuitas, iam entre os paulistas vários espanhóis que conheciam bem a região - "españoles de la vila avecindados en San Pablo, que saben bien toda la tierra".

Duas famílias, a dos Buenos e a dos Camargos, escrevem dois formidáveis capítulos do bandeirismo. Bartolomeu Bueno da Ribeira relampeja na conquista de Minas Gerais. Francisco Bueno faz um bonito na expansão do sul e os três Anhangüeras se notabilizam na posse do Oeste. O Anhangüera pai e o Anhangüera filho são os autores da penetração goiana; o Anhangüera neto figura, valoroso, na tremenda luta contra os caiapós, na conquista de Mato Grosso. Domingos da Silva Bueno é quem chefia as expedições paulistas contra os franceses, uma em Santos e outra no Rio. Fernando de Camargo, "o tigre", não é apenas o cabeça da luta contra os Pires; é também o famoso bandeirante que conquista a região do Tape, em 1635. Seu filho, Fernando de Camargo Ortiz, vai dar com os costados no sertão baiano, ao lado de Domingos Barbosa Calheiros; recebe d'el rei

a empreitada de ajudar Agostinho Barbalho de Bezerra na descoberta das esmeraldas e é solicitado com o "perna de pau" (Jerônimo Bueno) para combater os índios anaiós, no São Francisco. José de Camargo Ortiz, o moço, é um dos maiores nomes do bandeirismo, na luta contra os araxãs, no Rio Grande do Sul, fazendo parte da tropa de Antônio Raposo Tavares na destruição das reduções jesuíticas do Tape¹¹. Antônio Rodrigues de Arzão, filho de um Camargo e neto de um flamengo é outro furamato de quatro costados.

Entrelaçam-se as duas famílias: José Ortiz de Camargo casa-se com a filha de Jerônimo Bueno (o "perna de pau"); Jerônimo de Camargo, quinto filho de Juseppe Camargo, casa-se com a filha de Francisco Bueno, que era filha de Bartolomeu Bueno, o sevilhano, e que se tornou notável na conquista do sul e no ataque à província do Uruguai. Bartolomeu Bueno da Ribeira, outro filho do sevilhano, casa-se com Mariana de Camargo, dando origem aos Buenos de Camargo, entre os quais Bartolomeu Bueno Cacunda.

A biografia deste Cacunda nos conta que ele foi grande sertanista, tendo realizado uma vigorosa incursão ao norte do rio Paraíba, na qual tomaram parte Bartolomeu Bueno de Siqueira, Manuel Pires Salvago, Clemente Portes d'El Rei, Jerônimo Bicudo Cortes e muitos outros mamelucos hispano-descendentes. Sim, todos eles são hispano-descendentes, porém mamelucos. Pois é sabido que Bartolomeu Bueno, o sevilhano, casou com a mameluca Maria Pires e Juseppe de Camargo, o outro sevilhano, se casou com Leonor Rodrigues, descendente de Tibiriçá. André de Zunega y Leon, companheiro de Pascoal Moreira, é quarto neto de Tibiriçá.

Os Buenos e os Camargos

Na luta entre os Pires e os Camargos, ao lado destes, figuram Bernardo Sanches de Aguillar, Fernão Muñoz, Domingos Barbosa Calheiros e todos os Buenos. Indagam-se as causas que deram origem a essa contenda. Sejam quais forem, o certo é que o sangue espanhol explicará muita coisa, pelo lado dos Buenos e dos Camargos.

Na outra desavença, entre taubateanos e piratininganos, alguns historiadores têm querido ver um sinal do ressentimento mameluco-ramalhista. Em todo o caso, não é possível esquecer que os taubateanos descendiam de espanhóis. Jacques Félix, o fundador da povoação, era hispano-descendente. Outros bandeirantes

(11) Carvalho Franco - *Os Camargos de São Paulo*, pág. 66.

que aí se localizaram eram os Arzão, que provinham de origem flamenga e não portuguesa; e estavam ligados ao sangue espanhol, através dos Camargos.

Capistrano dizia que a História do Brasil é, quase toda, a história de suas famílias. Referia-se à Casa da Torre, que constitui um vasto capítulo do expansionismo agro-pastoril, no nordeste. Não é outro o caso dos Buenos e dos Camargos, com relação ao expansionismo bandeirante do sul. A história das bandeiras paulistas pode ser escrita, quase toda, com a história dessas duas famílias hispano-descendentes, que chegaram a ter projeção continental.

O Moribeca e o Patarata

Os irmãos José e Luiz Rendon de Quebedo, que citei há pouco, tomaram parte na expedição da Colônia do Sacramento e caíram prisioneiros dos castelhanos, depois de gallarda resistência oposta por D. Manuel Lobo e descrita por Southey. Feito o acordo entre as duas coroas a respeito da restituição da colônia, os dois netos de Amador Bueno se deixaram ficar em Buenos Aires, circunstância que despertou a Taunay este raciocínio: é mais que provável que haja em terra argentina numerosas pessoas em cujas veias corra o sangue do "Aclamado".¹² O próprio Manuel de Borba Gato era bisneto do famoso bandeirante espanhol Martim Fernandes Tenório de Aguillar¹³, da mesma forma que Gapar de Godoy Colaço, o tenente-general da Vacaria, é neto de outro espanhol, Baltazar de Godoy. Nome também espanhol, que não pode ser esquecido na história do bandeirismo, apesar dos pesares, é D. Rodrigo de Castel Blanco. Sabe-se como se deu a sua vinda pro Brasil. Com a artimanha de Moribeca, misturando "mispickel" com minérios de prata deixados por seu avô, cresceu, em Lisboa, o feitiço das minas de Melchior Dias, e daí a incumbência dada ao "Pararata". É conhecida a sua atuação na Bahia (Itabaiana) em Sergipe, em Paranaguá e no Sabarabuçu. Derby e Calógeras elogiam o "Patarata", não sei se com razão; mas não se pode negar-lhe o mérito, pelo menos, de haver promovido numerosas viagens e bandeiras, avivando o colorido espanhol do expansionismo e da mineração. Aliás, o clima cultural em que se desenvolveu o fenômeno bandeirante é muito mais espanhol que português.

A briga entre paulistas e espanhóis

Compreende-se. O norte ficou mais português que o sul, pelo contacto mais direto com a Europa. O Rio da Prata era, porém, por motivos que todos conhecem, o ponto visado pelos espanhóis nas suas numerosas expedições marítimas

(12) Taunay, obra cit., tomo IV, pág. 195.

(13) Taunay, obra cit., tomo VI, pág. 216.

rumo ao Atlântico sul. Vinham as expedições marítimas a as tempestades do sul da costa brasileira (veja-se o que aconteceu com numerosas bandeiras marítimas, como as que se destinavam à Colônia do Sacramento) intervinham como que de propósito, resultando dessas atrapalhões o sucesso de ficarem espanhóis e mais espanhóis refugiados pelo litoral vicentino e catarinense. Por outro lado, eram os espanhóis do Paraguai que vinham, numerosos, até bem perto do planalto (veja-se o caso da "pelea" no Avanhandava). Ou eram estes mesmos espanhóis que assaltavam a ilha de Santa Catarina e, ao mesmo tempo, a praça de Iguatemi. Nem se diga que o conflito permanente em que viviam paulistas e espanhóis - luta que veio até o século XIX - teria que diminuir a influência destes em relação àqueles. Altamira cita o caso das influências recíprocas que se operaram entre "pueblos enemigos a quienes separan odios". Tal o que aconteceu, diz ele, entre muslins e cristãos, "los cuales, no obstante sus guerras continuas, se influyeron mutuamente en alto grado".

O "ódio ao espanhol"

Não há contradição, pois, entre uma coisa e outra. Ao contrário, fica o espanhol colaborando dos dois modos: pelo ódio que despertou ao piratiningano e que tanto influiu no desenho psicológico do grupo em marcha; e pela colaboração direta que o seu contingente demográfico e o seu espírito de aventura trouxeram à irrupção do fenômeno bandeirante.

Pelo ódio, o espanhol arrasta o paulista a combatê-lo; pela colaboração, é o maior comparsa branco da conquista. Nesse ódio e nessa colaboração está a prova do que chamei "forças coincidentes de sentimentos contrários".

Além disso, o "ódio ao espanhol" apresenta outro benefício, que não é possível ocultar. Nascido dos atritos da fronteira, foi ele quem instigou, no bandeirante, o sentimento de pátria. O elemento da resistência é que dá vida à concepção de nacionalidade, desde logo desabrochada no espírito bandeirante, metido em lutas e mais lutas contra a espanholada do rio da Prata e do Paraguai. O índio, esse tomava a direção que se lhe imprimisse; tanto podia ser português, como francês, holandês ou espanhol. O jesuíta realizava a sua função "supra locum", sem o menor apego à idéia de pátria. O senhor de engenho, por causa de sua economia feudal, entrosada no capitalismo europeu, estava localizado na costa e subtraído, geográfica e economicamente, a qualquer pensamento político de nacionalidade. Só o bandeirante levava, consigo, a concepção de fronteira, na luta contra os espanhóis. E o ódio votado a estes contribuía pra se tornar tal concepção mais aguda, mais necessária, mais vigilante. O chamado "ódio ao espanhol", de que nos fala Paulo Prado, nos foi, portanto, "um pão e um pedaço". Com o espanhol ao nosso lado - na

bandeira - explicamos a maior parte do espírito aventureiro que deslocou as populações estrepitosas do planalto em marcha para oeste. Em luta contra o espanhol, adquiriríamos a convicção de que, se não lutássemos, o espanhol é que viria feito pra nosso lado, tomando conta dos nossos índios, surrucando em nossas terras e assenhoreando-se dos sertões "nunca trilhados de pessoa ou nação alguma desde o dilúvio universal".

Francamente, a favor ou contra, o espanhol sempre esteve a nosso favor... Ao passo que o português - pelo menos o colonizador - quase sempre esteve contra o espírito bandeirante. Não queria sair do litoral, com receio das gentes de Castela. Se fossem apenas portugueses os chefes de bandeira era bem possível que tudo se acomodasse num acordo com as autoridades medrosas (capitães-mores) e a exploração ficasse "caranguejando pelo litoral".

Amador Bueno, o que não quis ser rei

Mas a bandeira era indígena na mobilidade e hispano-descendente na insubmissão. Anti-portuguesa, portanto, sob esses dois aspectos. Como anti-portugueses eram o Tietê e a Serra do Mar, cúmplices históricos da penetração.

Veja-se, ainda, o que há de espanhol no ato de insubmissão que foi a aclamação de Amador Bueno para rei, em 1641, quando da volta do Brasil ao domínio luso. Tomam parte nessa ocorrência os hispano descendentes e todo o elemento espanhol do planalto. Alega-se que a fidelidade a el-rei D. João IV terá levado Amador Bueno a recusar a coroa. Mas as suas palavras - viva el rei! - podem apenas traduzir uma conveniência política do momento. Uma questão de prudência talvez. O planalto não estava suficientemente preparado para a independência. A razão verdadeira da recusa está, pois, muito mais no subconsciente histórico do que num gesto de devoção a um rei problemático e ausente. Ninguém, na realidade, enjeitaria uma coroa, num país de regime dinástico. O que houve foi coisa diversa. A recusa de Amador Bueno - já tive ocasião de aduzir esta conjectura - terá "obedecido ao gesto instintivamente americano de quem não queria ser rei. Digo "instintivamente americano" porque antecipava ele, sem o saber, o verdadeiro pendor desta América onde os homens nunca quiseram ser reis. Onde Bolívar exclamaria diante da oferta de Paes e Marino: "não sou Napoleão e nem o quero ser, não quero imitar César e muito menos Iturbide, pois o título de libertador é superior a todos quantos o orgulho humano tenha recebido".

Onde San Martin, injustamente acusado de querer ser rei, e embora entendendo que os povos sul-americanos deviam ser governados por um príncipe

européu, também protestou: "estou cansado de ouvir que desejo ser rei, imperador e até demônio"¹⁴

Já em 1709 é outro Amador Bueno - este, da Veiga, descendente do primeiro - que é aclamado "cabo maior e defensor da Pátria" na luta contra os emboabas. Note-se também o que há de colorido espanhol nesta segunda aclamação...

"Os Lusíadas" e "D. Quixote"

E se é verdade que os **Lusíadas** figuram no testamento de Pascoal de Araújo, não menos certo é que **Novelas exemplares** é o livro predileto de outro furamato renitente. "Lusíadas do sertão", disse alguém, aludindo aos navegadores do mataréu virgem. Mas a verdade é que o fenômeno bandeirante só se compreende como "empreendimento destacado da história portuguesa e que encontra em si mesmo a sua explicação".¹⁵ Sabe-se que a coroa só se apercebeu da conquista depois desta realizada. E esta circunstância indica que o fenômeno, no que possui de insubmissão, tem muito mais de espanhol que de português. Fácil é a verificação a quem conheça as diferenças profundas que marcam a psicologia coletiva e individual de ambos, do português e do espanhol. Tais diferenças têm sido estudadas por muita gente, inclusive pelos próprios escritores ibéricos, partidários da aliança peninsular. Nota, por ex., Gonçalo de Reparaz, em seu curioso estudo sobre "O Brasil no Império espanhol"¹⁶ que foram muitos os clássicos portugueses escrevendo em castelhano; o próprio autor dos **Lusíadas** escreveu muita coisa em espanhol; o que não achamos é um escritor espanhol escrevendo em português. Keyserling¹⁷ opõe ao português "plebeu e plural", o espanhol "aristocrata e uno", monofônico. A simplicidade do espanhol, que se funda na unidade, se converte, em Portugal, na pluralidade: a riqueza do homem peninsular, comprimida na integração castelhana, se decompõe, transposta para o clima português, em todos os seus elementos. "Portugal se há escindido de lo hispanico para diferenciar-se formando un contraste completo com ello". Só um espanhol e não um português podia ter escrito **Don Quixote de la Mancha**, tão característica é a cultura espanhola e diferente da de Portugal. E o bandeirante andejo, correndo atrás dos mitos, tem muito de um Don Quixote - no sentido nobilitante da palavra - que trocasse um moinho de vento pelo gosto de vencer os monstros da fábula.

(14) Ettore Viola - **Sud America y su destino político**, pág. 75-76. Trad. de Domingo Melfi.

(15) Holanda, Sérgio Buarque de - **Raízes do Brasil**, pág. 72.

(16) Raparaz, loc. cit., pág. 106.

(17) Revista do Ocidente, ano IX, nº 92.

O português lírico e o espanhol mitológico

Para o autor de **O mundo que nasce** - e ninguém traçou tão a fundo o retrato psicológico do espanhol - este é "rude e fantástico como todo habitante do deserto". O bandeirante sofre dessa mesma "hipertrofia da dimensão" que caracteriza o espanhol e daí, e também pelo seu contacto com "o mundo fantasmagórico do primitivo", lhe nasce o amor pelo fantástico. A bandeira é, em suas forças sentimentais mais sérias, o econômico acumpliciado com o maravilhoso, talqualmente, para os povos de base agrária, como o português, é o idealismo sentimental um produto do econômico acumpliciado com o lírico... A "hipertrofia da dimensão" - se assim me posso exprimir - é que gera o mitológico. Ora, parece que o português, abstinção, fagueiro, lírico, mais crédulo do que imaginativo, não tem vocação para o mito. De fato, os sociólogos que analisam a contribuição psicosocial do português, no jogo do nosso dinamismo coletivo, notam que o próprio cristianismo, que nos veio filtrado pela doçura e simplicidade da alma lusa, era fundamentalmente desprovido de seiva mitológica, em contraste com o cristianismo medieval contaminado pelo mitologismo céltico e alemão. Aliás, a mitologia camoniana é toda resultante da Hélade. A teogonia do imortal poema é tomada de empréstimo ao mitologismo grego; o que lhe confirma a carência de um fundo mitológico original. E quando aparece o mito, esse mito é... místico - como acontece na lenda do "Encoberto", "que só do lírico brotou"¹⁸. E quando nasce a epopéia, essa epopéia nasce ainda do lírico, que é Camões¹⁹. Mas o próprio "Encoberto" (prestemos atenção a este ponto) se filia à lenda mitológica de Saturno, que é a grega²⁰. Menendez y Pelaio (**Orígenes de la novela**)²¹ é quem melhor define o "idealismo sentimental que tiene de gallego o de portuquez mucho más que de castellano", isso em oposição do épico (e o épico pressupõe fundo mitológico) que avassala o espanhol e as suas criações humanas e literárias. Nada mais interessante, porém, do que verificar que toda vez que o português desanda para a epopéia recorre ao idioma castelhano. Exprimiam-se esse bilinguismo literário (a observação é de Carolina de Michaelis) no curiosíssimo fenômeno de que "até fins do século XV a linguagem épica era para todos - espanhóis, galegos, portugueses e catalães - a castelhana, que facultativamente continuou a sê-lo nos séculos XVI e XVII, como a linguagem lírica fora, até 1350, a galego-portuguesa para portugueses, galegos e espanhóis e continuou a sê-lo facultativamente até 1450".

Ora, o mito constitui a força mágica que explica o arremesso bandeirante no encalço dos eldorados e das itaberás resplandcentes.

(18) Sardinha, Antônio - **A aliança peninsular**, pág. 117.

(19) Idem, pág. 123.

(20) Ibidem, 135.

(21) Menendes y Pelaio, obra cit. pág. 221.

Mitologia bandeirante

O próprio bandeirante se revela um criador de mitos formidáveis. Quando Saint-Hilaire os chama "raça de gigantes", não faz mais que buscar neles um mito por indução, "inferential myth", como diria Charles Squire (*The mythology of the British Islands*), citado por Alex. Krappe na *Gênese dos mitos*.

É o que acontece, aliás, toda vez que os fatos humanos não podem ser explicados pelo cotidiano das nossas ações ou exorbitam da realidade que estamos acostumados a admirar. Criam-se, por amor à verdade, e na procura do melhor meio de exprimir o que os historiadores secos e álgidos não exprimiram, os grandes mitos por indução: as pedras de Gargantua²², a construção das pirâmides que os "fellahim" atribuem os "jinn"²³ e a "raça de gigantes" com que Charles Squire procurou explicar os feitos dos primeiros habitantes da Islândia e da Escandinávia e com que Saint-Hilaire (acrescento) designou os nossos pioneiros, dizendo que só uma "raça de gigantes" poderia ter realizado façanha de tão heroicas proporções.

Porém, os mitos da bandeira ultrapassam os "inferential myths" de Charles Squire e o "Diabo Velho" como que salta da infra-história para criar o mito da Serra Dourada; isto é, o mito que chegou até nossos dias e se fez responsável por uma das mais arrojadas explorações do século XX, a de Fawcett (Charles Key). Pois bem: quem é o "Diabo Velho"? um bandeirante paulista hispano-descendente.

O espanhol, o semita e o dólico-louro

A credulidade do português explica o seu misticismo; a imaginação do espanhol explica o seu temor ao fabuloso. A diferença que há entre o mitológico e o místico, isto é, a diferença que vai entre o "quixotismo" e o "sebastianismo", parece mostrar bem a diferença entre o espanhol e o português da conquista. O "fabuloso" instiga a alma ao primeiro; o "místico" imprime ao segundo o sentido sonhador que vamos encontrar no substrato da alma ibérica. E eu já chamei a atenção para essa diferença quando me pareceu justo refutar o misticismo do século XVI como fundamento do nosso fenômeno expansionista.

O bandeirismo cria o mito e o situa, ele mesmo, nos cafundós do Judas. Ele mesmo imagina que esses mitos estão guardados por monstros fabulosos. E ele mesmo vai à caça de tais mitos, com as suas expedições dramáticas e numerosas. Não é isto admiravelmente quixotesco? E como para redourar a comparação um

(22) Sebillot, *Le folklore de France*, I, pág. 213.

(23) Krappe, Alex., *La genèse des mythes*, pág. 329.

outro mito bandeirante, o "Sol da Terra", nos faz lembrar "l'Espagne barricadée, ou se cache le plus grand de tous les trésors, le Soleil", como nos diria Maurice Legendre em seu *Portrait d'Espagne*.

Em resumo: no jogo das forças psico-sociais que explicam o fenômeno bandeirante não tem dúvida que a contribuição do espanhol, "rude e fantástico como todo filho do deserto", de mistura com a do selvagem "mergulhado no seu mundo fantasmagórico", é decisiva. Alvitrada a possibilidade dólico-loura por Oliveira Viana, ou a possibilidade semita por outros, as pesquisas provam que não; o fenômeno tem muito de espanhol; nada tem de dólico-louro ou de semita.

Bandeirante por mandato

Alegar-se-á com Raposo, mas Raposo é maior no sentido geográfico e espetacular. Não o será na profundidade social do seu bandeirismo. Nas suas prodigiosas "performances" horizontais não chegou ele a ser um "modelador de fronteiras". Faltava-lhe o sentimento do trágico que dá ao fenômeno bandeirante um colorido especial. O seu passeio pelas regiões platinas, andinas e amazônicas pode ser comparado mais à façanha de um "globe-trotter" do que a uma arrancada bandeirante, no verdadeiro sentido desta expressão. Seria erro confundir bandeira com qualquer expedição contra índios. Primeiro, porque o índio entra na bandeira muito mais como seu co-autor do que como seu objetivo econômico; segundo, porque o preador de índios é muito mais um mandatário do agricultor, que precisava de braços para a sua lavoura, do que um bandeirante cujos ideais econômicos são radicalmente diversos e só se explicam, justamente, pelo nenhum compromisso com a propriedade agrária e sedentária.

O maior vulto português da conquista será um "bandeirante por mandato" que preferiu caçar escravos vermelhos na América como já o haviam feito os seus ancestrais com os escravos negros da África. E assim como não se confunde bandeirante com senhor territorial ou comandante de milícias rurais, também não é possível dar o nome de bandeira a qualquer expedição destinada à exploração do Brasil selvagem. Fosse assim, e teríamos de chamar bandeiras às expedições que os holandeses fizeram partir à procura da prata, ao tempo em que dominaram o Nordeste. Há muito mais "superfície" na formidável travessia de Raposo - coisa, aliás, que ele só realizou em função do planalto e com o concurso dos paulistas hispano-descendentes - do que na cena do fogo ou no mito da Serra Dourada, cujo autor é um bandeirante de verdade, o Anhangüera. Não me parece, pois, que o bandeirismo tenha a sua figura máxima em Raposo. Não obstante ser a bandeira um fenômeno "horizontal", o expansionismo que ela realiza envolve aspectos de

profundidade, tem um comportamento social característico, distingue-se por objetivos que já podem ser escoimados de qualquer confusão, notabiliza-se pelo povoamento das áreas conquistadas, interessa à modelação geográfica da fronteira, absorve os processos culturais indígenas (sem os destruir), aproveita o índio em seu nomadismo tradicional, rima bem com o próprio jesuíta em muitos pontos, principalmente no que o bandeirante e o jesuíta têm de "soldados" e "imperialistas"; ia dizendo no que um e outro revivem do clima espanhol... O "soldado do deserto" e o "soldado da Companhia de Jesus" têm essa visível identidade de origem: D. Quixote e Santo Inácio de Loyola. Note-se que Raposo se interpõe entre o jesuíta e o bandeirante, como um estorvo. Contrariando, em mais de uma passagem, o entendimento entre os dois.

"La patetica del unico"

Só o clima cultural espanhol, pra encurtar a conversa, podia ter feito nascer no homem da bandeira aquela "hipertrofia da dimensão" Veja-se o que há de quixotesco em Fernão Dias²⁴ quando condena o próprio filho, na tragédia do Sumidouro (la justicia que se hace por si misma, unica que és natural y digna del hombre) e em Anhangütera quando ameaça botar fogo nos rios.

Euclides chama ao bandeirante o "super-homem do deserto". Mas não é Keyserling, como acabei de dizer, quem nos afirma que todo morador do deserto é quixotesco por natureza? O que caracteriza a paisagem castelhana é o cósmico, é o predomínio do planetário diante do homem cuja existência, desde o ponto de vista astronômico, não é mais que uma anedota. Para os olhos espanhóis - diz o autor da **Análise espectral de um continente** - figura de D. Quixote não é cômica. Ao contrário, parece a mais alta representação do homem, e isto em grau muito mais elevado do que Goethe para os alemães. O espanhol sabe que só ele vive a sua vida e que, em última instância, nada o pode ajudar. Daí o seu culto da virilidade, da dignidade do homem e, em caso extremo, a ânsia de reinar sobre homens (não sobre mulheres nem coisas). Daí a sua particular concepção de honra. "El honor" espanhol repousa sobre a paixão puramente subjetiva: "és la patetica del unico". Na psicologia da precedência, se assim se pode dizer, não há segundo lugar para o espanhol. Como não há segundo lugar para o bandeirante.

(24) Fernão Dias Pais Leme é de origem flamenga e não apenas portuguesa. Pelo menos, é o que nos informam os que estudaram a genealogia dos Lemes, apontando-a como procedente, pelo lado paterno, de Martim Leme, cavaleiro flamengo, casado em Burgos com Joana de Barros, da nobre família portuguesa desse apelido. (*Os Camargos*, p. 129).

A bandeira e o lirismo português

Como explicar, se assim é, que o bandeirante hispano-descendente tenha sido "menos" cruel do que o conquistador espanhol? A pergunta teria difícil solução desde que se considerasse ainda a coincidência do método de colonização do primeiro com o do segundo. Tanto um como o outro, começam pelo planalto e não pelo litoral, como o método português. A colonização terra a dentro teria que ser, necessariamente, não só mais violenta, pelo contacto imediato e contínuo com os índios que a ela se opunham, como também mais criadora de independência e insubmissão; mais americana, enfim. O elemento espanhol da bandeira e o método espanhol de colonização, seguido pelo bandeirante, são duas razões bastante sérias para convencer que a crueldade dos nossos pioneiros deveria rimar, também, em gênero e número, com a dos aventureiros espanhóis. Em vez, a nossa técnica de conquista está toda entremeada de lirismo pacificador. O bandeirante é, na maioria das vezes, um apartador de briga entre tribos rivais. Fernão Dias Pais conquista tribos e tribos "sem tirania de mortes". A todo momento, como nos informam as atas da Câmara, vinham os índios chegando aos magotes, "pelo caminho da paz". "Soldado pacificador do gentio", é como Paulo Prado qualifica o bandeirante. Não raro, vemos o cabo da tropa, para evitar briga, fazendo um dos da sua tropa casar com a filha do cacique. A eleição do chefe tem um sentido humano, é feita para "nos reger amorosamente".

Como explicar, pois, tamanha diferença entre o bandeirante e o conquistador espanhol? A "crueldade" do bandeirante, que tantas palavras de reprovação mereceu de Capistrano, de Handelman e de outros historiadores-moralistas, deixa de existir, chega a ser uma página de bravura inocente em confronto²⁵ com as terríveis expedições que devastaram o México e o Peru e com os 17 anos de dominação alemã na província de Venezuela. Examine-se a mais rubra página do bandeirismo por mandato (Raposo) e estará ela longíssima da carnificina posta em execução por Irala, segundo o testemunho de Ulrich Schmidel, ou por Pizarro, no império dos incas. Haverá, necessariamente, uma razão psico-social para esse contraste, encantador para nós e bestificante para os espanhóis...

Aqui entra, sem dúvida, a contribuição portuguesa que "temperou" a crueldade do bandeirante, pondo, no coração deste, a ternura e a boa fé, o idealismo sentimental e o lirismo da raça. Já o bandeirante não terá sido, então, brutal como foi o espanhol. Por certo que o próprio planalto terá influido na psicologia do bandeirante, tão diferente do conquistador espanhol nesse particular. O novo meio - quem o diz é Jennings - desperta qualidades e defeitos até então irrevelados. O homem, que é cruel num dado ambiente, será um modelo de doçura em outro. Também ninguém irá negar o elemento psicológico como intermediário entre o grupo e o quadro geográfico em que esse grupo se fixou. Ainda recentemente, publicava Georges Hardy a sua **Geografia psicológica**, que é uma série de

(25) Prado, Paulo - obra cit., pág. 70.

observações verdadeiramente luminosas sobre a influência recíproca entre a geografia e a psicologia na criação de cada realidade humana e nacional. A pouca ou nenhuma crueldade do bandeirante hispano-descendente, em confronto com a crueldade viva e dramática do conquistador espanhol, poderia explicar-se por esse jogo cordial de relações entre o grupo e o quadro físico em que se desenrola a sua ação, quando não se explicasse, como me parece mais lógico, pela contribuição portuguesa na bandeira, visto como a inocência, o lirismo e a credulidade do português representam virtudes de extraordinária eficácia no jogo das forças psicosociais que caracterizam o fenômeno bandeirante. A contribuição portuguesa será, pois, a mais bela de todas, embora a "menos bandeirante"; isto é, a que menos terá influido no dinamismo do "grupo em marcha". Em todo o caso, mesmo no bandeirante apartador de brigas, parece que há qualquer coisa de quixotesco...

O antagonismo entre a Casa Grande e a bandeira

Posto de lado esse pormenor - o do bandeirante que casa com a filha do cacique para evitar brigas ou que consegue trazer tribos inteiras pelo caminho da paz - tudo o mais destoa, em cheio da psicologia portuguesa.

Como eu já disse, quando entra no mato a primeira bandeira, cessa a história de Portugal e começa a do Brasil.

Ninguém, aliás, desconhece que o bandeirismo, graças ao sentido americano, se opõe mesmo ao "sentido português, pé de boi", de que nos fala Gilberto Freyre, da sociedade tipo casa-grande, escravocrata, mestiçada com o afro e característica do litoral latifundiário e "entrosada no capitalismo europeu". Ele mesmo, o próprio sociólogo do Nordeste, é quem se incumba de nos frisar esse contraste (ao referir-se à estabilidade patriarcal da casa-grande em confronto com a mobilidade horizontal dos caçadores de esmeraldas e criadores de gado), posto também em evidência por tantos outros fatores culturais, econômicos, geográficos e sociais. O que lhe faltou dizer é que a área social em que se desenvolveu o drama da conquista é toda hispânica. Se o tipo de civilização ou cultura ensaiado no Brasil meridional já é, inicialmente, tão diverso do nordestino, aí está agora um novo elemento para confrontos mais persuasivos. A bandeira tem, sejam quais forem os seus aspectos sociais, o sentido mameluco resultante do cruzamento hispano-guaianás que a separa, por mais esse lado, dos grupos sociais do Nordeste.

Enfim, a bandeira é "um fenômeno constante e especial" do planalto. Justamente do planalto, onde, no dizer de Taunay, se tornou "notabilíssima a efusão do sangue castelhano".²⁶

(26) Taunay, obra cit., I, 125.